



PROPRIEDADE DO CLUB X

REDACTORES PRINCIPAES

Almirante Duque de Pick-Nick e Conde da Floresta Negra

Publica-se nos dias 1 e 15.—As assignaturas são gratis.

ANNO I.

RIO DE JANEIRO 15 DE OUTUBRO DE 1867

N. 5.

Rio de Janeiro, 15 de Outubro.

O suicidio é inquestionavelmente uma das mortes mais elegantes da actualidade.

Nas artes e nas sciencias, nas letras e nas armas, já não se celebra ninguem.

No suicidio, sim!

Morrer como morre por ahi qualquer *calça de couro*, se não fôra uma vulgaridade sem nome, seria pelo menos uma prova eloquente do atrazo ou decadencia da nossa civilisação, em face dos melhoramentos do meio circulante e da nova tabella dos impostos pessoas e impessoas. E depois morrer assim é atirar com o corpo á grande valla do esquecimento, e com o nome á estatistica mortuaria do *Jornal* (trabalho aliás de alto merecimento litterario), sem um pomposo e habitual necrologio de algum amigo, e sem um folhetim biographico no rodapé do *Diario*.

Que ha por ahi mais heroico, mais poetico, mais sublime, mais esplendido e mais hygienico que o suicidio?

O Bertholdo, individuo de quem o leitor ha de ter ouvido fallar na sua meninice, só se tornou um homem celebre, quando tentou enforcar-se n'um pé de salsa.

Mais fez ainda um philosopho turco da escola de Pythagoras. Sabendo que a sua primeira existencia era apenas o prologo do grande drama que tinha de representar na terra, procurava, mais impaciente que Althotas quando buscava descobrir o elixir da vida, uma morte que ainda ninguem tivesse experimentado, uma morte *cheia e de effeito*, como se diria vulgarmente.

Projectou, pois, a maneira de suicidar-se a *quatro tempos*. Foi á beira de um rio. Carregou

uma pistola; amarrou uma corda em terra e deu um laço no pescoço; bebeu bastante arsenico, e lançou-se á agua.

Era inevitavel o suicidio em taes condições.

A pistola devia varar-lhe o craneo, disparada no momento de mergulhar. Estrangulado depois pela corda e envenenado pelo arsenico, seria ainda asphyxiado por submersão.

Pois não morreu!

A bala, desviada um pouco da precisa direcção, cortou o laço, e a agua que bebeu em soffrivel quantidade, servio apenas de excellente antidoto para o veneno. O homem pôe e Deus dispõe.

No dia seguinte ao deste acontecimento, o nosso philosopho era victoriado pela Turquia inteira, e o seu nome collocado no.... frontispicio de um hospital de alienados.

Tamanha gloria requeria tamanha honra se não fôra a mais atroz e pungente das ironias!

ALLAH! X!

O SR. MANOEL FOI Á PENHA.

Aposto que não conheceis o Sr. Manoel? O vulgo chama-o *Manel* e eu mesmo não sei porque.

O Sr. Manoel é um typo.—E' um typo necessario para a escala social, e não poucas vezes se torna interessante aos olhos de um observador malicioso.

Na praia dos Mineiros, envolto na classica camisa de chita, o Sr. Manoel costuma a estar em posição elegante, encostado aos varões de sua inseparavel carroça. O látego, que muitas vezes pela lei physica da repulsão, vêm se

enroscar na sua propria cabeça, balança pausado como a pendula de um relógio, ao longo de suas costas. O seu companheiro de trabalho completa a elegancia da posição, e só de vez em quando sacóde o busto e espirra.

No cáes, o Sr. Manoel é um bom marítimo e muito cortez.

Vêm ao encontro do seu freguez de chapéo na mão. Depois de ennumerar as trinta mil boas qualidades do seu veloz batel, fecha o discurso com o « ora embarque patrão. »

De manhã, o Sr. Manoel põe em movimento as suas vaccas e colloca-lhes ao pescoço a campainha, quando não a traz elle mesmo. Tem o cuidado de pôr agua no fundo de sua medida, e, graças ao expediente, multiplica o seu genero, isto é, o leite da sua vacca.

O Sr. Manoel no seu cortiço toca viôla, clarineta e rebecca.

Lembra-se de ir, á luz da lua, levar uma serenata á sua Maria. Desafina um pouco, mas isso não diminue o seu entusiasmo nem a satisfação de sua Dulcinéa.

O Sr. Manoel convencido da verdade do proverbio :

*Agua molle em pedra dura,
Tanto dá até que fura*

ganha honestamente o seu pão, furando pedras, de que faz lages, portaes, e parallelipipedos sem se petrificar com as intemperies do tempo.

O Sr. Manoel é habil fabricante de fogos artificiaes e muitas vezes sacrifica a vida para o bom desempenho de uma encomenda para a festa. A culpa é do cigarro de papel que nunca lhe sahe da bocca.

O Sr. Manoel é ainda um soberbo negociante de torresmos, figado e sardinhas fritas, e com os seus freguezes, olha mais para a quantidade do que para a qualidade. E' dono da venda da esquina, onde vende perfeitamente cascas por cebolas, graxa por banha refinada e agua fresca por aguardente.

O Sr. Manoel é as vezes Manoel de Souza, mas isso acontece muito poucas vezes. Gosta de sarrabulho e sobretudo da *pinga*.

Tambem passeia aos domingos. Quando ha romaria o Sr. Manoel é um grande. Quando a romaria é a da Penha, torna-se um potentado.

Ora o Manoel de que vos quero fallar é um bom rapaz. O seu companheiro de trabalho é o unico que com razão poderia queixar-se, se os bichos ainda fallassem; mas este mesmo dá-se por bem pago, quando um dia, tem mais juizo do que o seu dono, como succedeu no dia da Penha.

Com a noite fugiam pouco e pouco as ultimas estrellas, quando o Sr. Manoel abrio os olhos. Engraxar as suas botas domingueiras; enfiar as calças, o collete, e a sua japona; pôr na cabeça o seu *chili* pintado á oleo na vespera, foi cousa de momento. A gravata, essa deu-lhe mais que fazer, não poude descobrir a metaphysica do laço e mais de uma vez esteve o ponto de ir sem ella.

Ir á festa sem gravata, seria uma inconveniencia de que se compenetrou o nosso Manoel.

— Ah! já sei o que devo fazer. Vou á vizinha, ella me ha-de arranjar esse par de botas

A vizinha, que tinha fama de madrugadeira, prestou-se de bom grado ao pedido e de suas mãos sahio elle convenientemente engravatado. A cabeça ficou-lhe um pouco presa n'aquelle embroglio de laço e collarinho. Que lhe importava isso, se ia á festa.

Todos sabem que a Penha não é como a Gloria, onde *pedes calcantibus* vai qualquer romeiro. Seria isso um novo contratempo se elle não tivesse o seu burro, que já de vespera se achava escovado e preparado para a excursão.

Quando avistou o seu cavalleiro em grande galla, o quadrupede zurrou de contentamento — zurro que poz nos beijos do Sr. Manoel o mais assucarado riso de satisfação.

O Manoel poz o pé direito no estribo, e ou fosse por engano ou por falta de geito, não poude galgar o dorso do seu *bicho*.

— Não é desse lado, é do outro que se monta, lhe observou a vizinha, que esperava a sahida do Sr. Manoel.

— Então Vm. pensa sinhá Maria, que eu sou do Club Jacome? Nós cá montamos por onde nos parece, de qualquer lado serve.

Apenas acabava de responder á observação da vizinha Maria, atirou-se de um jacto ás costas do seu animalejo. Este quasi perdeu o equilibrio, e senão fosse a parede que se achava proxima, teriam cahido os dois.

— Boa viagem Sr. Manoel! exclamou rindo-se a vizinha. Traga-me de lá um doce! ouviu?

— Se por lá encontrar algum. Até á volta! até á volta.

Eram dez horas do dia quando chegou á Penha. Havia feito a viagem em poucas horas, sem fazer escala, graças ao dominio que sempre conservou sobre o seu quadrupede. Ahi já tudo estava em movimento. A nova reforma de seccos e molhados tinha enfeitado as suas portas com ramos de mangueira e parecia querer fulminar com arrogancia a ambulante barraca.

Não tardou pois o Sr. Manoel a encontrar um

primo, em companhia de quem começou a enchugar muito soffrivelmente o succo da uva, tão felizmente descoberto por Noé.

O leiloeiro da festa acabava de expôr á quem mais dêsse, um magnifico capão, que graças a boa offerta, passou logo a ser propriedade do nosso heróe. A sua primeira idéa foi de amarral-o pelas pernas e de traçal-o a tiracollo, o que executou acto contínuo.

Havia-se esquecido do importante chifre do Rio-Grande, ao qual de direito pertencia esse lugar.

Ardeu o fogo.

A cabeça do arrematante do capão, como consequencia logica das differentes camadas do *liberdade*, já havia começado á arder tambem.

Estava elle contemplando as maravilhosas combinações do prismático fogo, quando lhe bateu nos hombros um compadre.

— Oh! compadre, vosse por cá. Venha lá esse abraço e vamos tomar uma pinga juntos.

Saúdes para cá, saúdes para lá, quando menos pensavam, acharam-se os dous com um respeitavel *bico*.

O fogo tinha-se *queimado* e a Penha havia recahido no seu habitual silencio quando o Sr. Manoel se poudé ainda lembrar que era preciso voltar para a *côrte*.

O obediente burrico lá estava á sua espera, amarrado á uma cerca, e eu mesmo não sei de que maneira o nosso illuminado Manoel arranjou-se para poder montal-o.

O que sei é que elle lá foi-se equilibrando caminho da *côrte*.

O capão de vez em quando, mudava de posição, batendo com as azas o que fez com que o Sr. Manoel não adormecesse logo. Cancando porém por fim o ex-rei das gallinhas, cahio o nosso homem no mais profundo somno.

Pouco faltava para chegarem a casa os tres companheiros, quando ao dobrar a esquina o burrico avistou, estendendo-se por entre as frestas de uma velha janella de cocheira, algumas indiscretas folhas de capim.

Senhor da sua vontade, fez meia volta á esquerda e tratou de fazer bem á barriga. Foi porém desastrada para o senhor Manoel essa volta, pois escorregou suavemente selim abaixo. O muar entendeu que esse incidente não devia privar-o da refeição, que o seu amo lhe não déra e conseguiu com algumas focinhadas arrombar a janella.

Fartou-se com um succulento feixe de capim que se achava do lado de dentro. A casa como disse era uma cocheira e tinha sido trahida ao

instincto perspicaz do animal, primeiro pelas folhas indiscretas e depois pelo sapateado dos seus moradores.

Depois de bem satisfeito o seu appetite, ia continuar o seu caminho, quando sentio que arrastava alguma couza. Isso porém não lhe era extranho, pois arrastava, havia já quatro annos a carroça do seu amo e foi tranquillamente seguindo. Ora, essa cousa que arrastava não era senão o Sr. Manoel, que na quêda ficára preso a uns cipós que por curiosidade e como lembrança trouxera da Penha. Haviam-se desenrolado e prendido aos estribos e ao braço esquerdo do Sr. Manoel.

No dia seguinte, acordou elle no meio do seu quintal, ainda preso ao seu burro, e por cima do cadaver do infeliz capão. Achava-se sómente um pouco machucado na cabeça, porque a sua japona lhe tinha preservado o corpo, graças ao andar pausado do burrico.

A sinhá Maria que esperava o seu dôce, apenas avistou o Sr. Manoel, exclamou:

— Então! Sr. Manoel, o meu dôce! já sei que se divertio muito.

— Ah! sinhá Maria, é verdade diverti-me muito. Não achei um docinho que servisse; trazia-lhe um capão, mas coitado! Morreu em caminho. Já vê que me lembrei de Vmc.

Sinhá Maria que já tinha notado os effeitos do *bico* respondeu-lhe:

— Não é com essas; bem se vê que

O Senhor Manoel foi á Penha.

Quem me contou esta historia foi um frade. Reproduzi-a da melhor maneira que púde.

CONDE DA FLORESTA NEGRA.

PASMATORIO DO ROCIO.

Supponham os leitores que estão em uma assembléa geral, discute-se..... ha grande alvoroço, pedem a palavra e sobem á tribuna os melhores oradores. A logica e a rethorica andam em pleno exercicio, e a palavra humana torna-se n'esse momento, para usar da expressão de Montalembert, o typo supremo da belleza, a arma irresistivel da verdade.

Sobre que se discute?

Sobre a guerra do Paraguay? não senhor. Sobre os novos impostos? não senhor; sobre isto fiquem socegados que a tranquillidade publica não soffre alteração.

Então sobre que se discute, perguntar-me-ha o leitor impaciente?

E uma conversação em que os oradores cançam-se, elevam-se, lutam e fazem prodigios de bravura. As questões d'analyses, as considerações philosophicas, as invectivas pessoases, o

inventário parcial do passado, as conjecturas arbitrárias do futuro, tudo enfim que pôde ser discutido entra em pleno exercício.

Mas afinal é gracejo, accrescenta o mesmo leitor desprendendo um sorriso sardonico.

Não é tal! é uma conversação travada n'um grupo de ursos bipedes que fariscaram perto um fossil.

Apenas, porém, desapareceu a caça, travou-se entre elles o dialogo.

— O que dizem, amigos, á vaia dos moleques?

— Sublime! sublime!

— E que tunda o tal fossil tomou?!

— É sima delles, sempre que vêm buscar lá, sahem tosqueados.

Depois sem mais preambulos entra em scena um dos mais fallantes, e tomando a palavra qual outro Mirabeau discorre admiravelmente.

É elle que falla:

— Senhores! eu que sou o mais fanatico adorador de todos os principios do progresso, odeio e detesto todas as antigualhas do tempo de Mathusalem, quando encaro com esta raça de animaes com ares de anachronismo, que fazem do seu todo jarreta e hypocrita um verdadeiro belchior.

— Mas isto é um desaforo, brada um novo interlocutor. Pois manda-se retirar da praça publica o mendigo que exhibe uma ulcera, e hade haver lei que permita a esta raça damninha que rasgue aos olhos do mundo inteiro o sendal de todas as preciosidades da antiguidade.

— Isto é um insulto á opinião publica, grita um gaiato!

A liberdade devia ser defeza por uma vez á senha destes sabujos hydrophobos.

Assim o pede a dignidade, a moral e a honra.

Após estas rajadas sublimes e eloquentes em que se mostrou digno de uma cadeira em qualquer parlamento, o orador foi cumprimentado pelos seus numerosos amigos.

— Bravo— Muito bem, exclamaram todos em côro, e nisto pespegaram-lhe um osculo na nivea face.

Desta maneira deram fim ao dialogo e ao assumpto, e por não haver mais de que tratar levantou-se a sessão, dispersando-se todos, e tambem o indiscreto observador.

VISCONDE DE COCK-TAIL.

A CAVERNA DE SATAN.

O inferno não é o que muita gente suppõe. Ha lá instituições que appellam da absolvição concedida pelo jury mundano ao mais *innocente* dos réos.

Os *diabos* são assim e o entendem assim.

Ha lá o juiz, o promotor, os defensores e os jurados, todos elles levados do *diabo*.

Eu não sei como lá fui parar um dia.

O peccador havia sido principe na terra e era accusado de um peccado muito vulgar no globo terraqueo. Houve entre elle e a herdeira presumptiva do tridente de Plutão, o quer que fosse, com visos de inclinação romantica. Os *diabos* quizeram achar nessa inclinação conse-

quencias de uma sciencia positiva, que a justiça do planeta sublunar tinha destruido com as provas exigidas pela lei.

A' barra do tribunal *diabolico* não foi elle porém tão *felice*.

Os malevolos Satans já haviam endiabrado e deposto nas mãos d'aquelle demoninho feminino as regalias do poder supremo. Embóra os defensores extenuassem os seus pulmões, lá foi á forca, na tripode de Lucifer, o infeliz principe.

O que no *Bueno-retiro* de Beelzebuth se tornou um crime, é para nós um principio ou, digamos melhor, uma virtude, que subsistirá a despeito de todos os *diabos*, embora os *diabos* sejam levados da bréca sob os simulados uniformes de *Tenente*.

CONDE DA FLORESTA NEGRA.

POESIA.

A...

E' tão meiga a expressão desses teus olhos
Respira a tua voz tanta doçura:
Que ouvindo-te, enlevado, quasi esqueço,
Que em ti palpita a humana creatura.

Depois, quando se extingue o brando accento,
E os cilijs velam teu olhar profundo;
Minha alma se recolhe pensativa
Comtigo, oh meu amor, creando um mundo.

Nelle sózinhos habitamos ambos,
Sem que p'ra nós jamais termine o dia!
Nem póde a noite desdobrar seu manto,
Onde a luz da paixão tudo irradia!

Nossa existencia corre lá tranquilla,
Como a flôr que tombou sobre a corrente;
Nem sabe a flôr para onde a leva o rio,
Nem livre no seu curso o rio a sente.

Quando se é moço e nos opprime o peito
O doce peso de um amor immenso;
Quem pergunta ao amor se é infinito,
E não se abrasa no seu fogo intenso?!...

Ai! fascinados como o doudo insecto,
Que em torno á chamma volitando morre:
Quantas vezes, amando, nem sentimos,
Que a nossa vida p'ra os abysmos corre!

Mas comtigo, alva estrella, eu não receio,
Que a desdita cruel me turve os dias;
Antes se me afigura que tu sabes
O segredo de eternas alegrias.

Solta pois de teu labio o verbo augusto
E o nosso mundo surgirá do nada!
Depois, se a morte o arremessar ás trévas,
Juntos iremos á mansão sagrada!

PRINCIPE HYSSEN.

1867, outubro 6.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA—PERSEVERANÇA—RUA DO HOSPICIO N. 91.